

## APRESENTAÇÃO

### BUKHÁRIN E O DEBATE TEÓRICO FILOSÓFICO NA RÚSSIA

Marcos Del Roio<sup>1</sup>

Nikolai Ivanovich Bukhárin (1888-1938) foi um dos mais notáveis intelectuais do bolchevismo. Desenvolveu trabalhos voltados principalmente para a economia, mas também para outras áreas, como filosofia e sociologia. Dito de outro modo, Bukhárin buscou contribuir para a teoria marxista do ponto de vista filosófico e político e com isso fundamentar e desenvolver o projeto de capitalismo monopolista de Estado, conhecido como Nova Economia Política, que foi concebido por Lenin.

No decorrer dos anos 20, Bukhárin esteve inserido na corrente filosófica chamada de mecanicista. Essa expressão não era depreciativa ou pejorativa. Dizia respeito àqueles que entendiam que a natureza e a sociedade se movimentavam ao modo indicado pela física mecânica, cujo objetivo seria o equilíbrio, a estabilidade. A outra corrente era a dos dialéticos, com Abraham Deborin a frente, que enfatizava a questão da contradição no auto movimento da matéria.

Com a grande contribuição de Gueorgui Plekhanov, o marxismo russo se forma, ao mesmo tempo que na Alemanha. De fato, se puder se considerar que a leitura que Engels fez da obra de Marx, completando-a com seu próprio pensamento, seja o início efetivo do marxismo, continuado na Alemanha por Karl Kautski, pode-se aceitar que Plekhanov foi o fundador do marxismo russo. Ainda que a primeira afirmação possa gerar alguma polêmica, a segunda cabe no senso comum. A grande obra de Plekhanov, publicada em 1895, foi *Sobre o problema do desenvolvimento da concepção monista da história*, que marcou todo o desenvolvimento posterior do marxismo russo.

O debate sobre a proposta de revisão de Marx proposta por Bernstein alcançou também a Rússia e encontrou em Plekhanov um firme opositor. Plekhanov foi também o elaborador da teoria da revolução democrática contra o despotismo. As divergências sobre esse ponto começaram a ficar nítidas no II congresso do POSDR (Partido Operário Social Democrata da Rússia), mas não tocaram temas relativos à concepção de mundo dos marxistas russos. O que estava evidente era que do ponto de vista teórico político a diferença era enorme. Os mencheviques (tendência formada na conclusão desse congresso), incluído Plekhanov, pensavam o futuro da Rússia como análogo ao da Alemanha, enquanto que os bolcheviques observavam a particularidade russa, um capitalismo particular no qual despontava a questão agrária.

Com alcance filosófico (e político), em particular sobre a teoria do conhecimento, Bogdanov ofereceu outra proposta de revisão, ou de complementação, como pretendeu fazer com a incorporação de elementos do debate sobre a filosofia das ciências da natureza que se travava na Alemanha e Áustria. Como essa vertente de pensamento tornou-se uma corrente política dentro do bolchevismo oposta a Lenin, este achou por bem combatê-la duramente e se aliou a Plekhanov com esse intuito. Em 1908, Plekhanov publicou o volume *Questões fundamentais do marxismo*, no qual volta a defender a autossuficiência filosófica e científica do marxismo. No ano seguinte foi a vez de Lenin participar no debate com a publicação de *Materialismo e*

---

<sup>1</sup> Professor Titular da FFC-UNESP-Marília. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais UNESP-Marília.

*empiriocriticismo*. Esses dois livros reafirmaram aquilo que se entendia por verdadeiro marxismo na Rússia: a linhagem Engels – Kautski – Plekhanov – Lenin.

Com o começo da guerra imperialista, em 1914, Lenin deixou a Polônia e foi para a Suíça. Dedicou-se então ao estudo de filosofia, em específico da obra de Hegel. Pode ser que pretendesse fazer uma leitura de Marx a partir do conhecimento da dialética de Hegel. Mas é fato que a impactante realidade da guerra, a capitulação da Segunda Internacional somada a essas leituras deram uma nova orientação a filosofia política de Lenin, na qual a questão da práxis ganhava mais densidade. Em verdade, Lenin encontrou uma perspectiva filosófica mais de acordo com a ação política que desenvolvia. De fato, essa concepção filosófica de Lenin só pode ser vista na sua práxis política dos anos restantes de vida, visto que não escreveu nada de específico sobre a questão.

Em fins de 1921, Bukhárin publicou o *Tratado de materialismo histórico: manual popular de sociologia marxista*. Esse livro alcançou grande difusão e sucesso tendo sido muito utilizado na introdução de jovens ao marxismo. As críticas mais pertinentes ao pensamento filosófico de Bukhárin vieram de Lenin, de Lukács e, mais tarde, de Gramsci. Em geral, o que se apontava era a falta de conhecimento e de compreensão da dialética e a fundamentação do materialismo histórico nas ciências da natureza. No entanto, esse livro se aproximou de constituir alguma forma de senso comum do marxismo na Rússia.

A condenação dos escritos de Lukács, Korsch e Rosa Luxemburg no V congresso da Internacional Comunista, em 1924, coincidiu com as últimas obras importantes publicadas na URSS, *A teoria marxista do valor*, de Isaak Ilich Rubin e *Teoria geral do Direito e marxismo*, Evguieni Pachucanis. No entanto, quase ao mesmo tempo, livros de Stalin e de Zinoviev, produtos de conferências ministradas em escolas de formação, tentaram sistematizar o leninismo.

A disputa pela herança política ideológica de Lenin era esgrimida em função da disputa pelo poder e pela direção que deveria tomar a vida social na URSS. O debate filosófico entre “mecanicistas” e “dialéticos” não teve e nem poderia ter tido qualquer implicação direta sobre qual economia política deveria prevalecer. No entanto, no caso de Bukhárin, de modo específico, a teoria do equilíbrio já veiculada no livro citado e a ênfase na construção econômica, ainda que encarnada na política e na realidade social, mostraram-se incapazes de sustentar uma práxis que direcionasse ao socialismo. Dito de outro modo, tanto a classe operária como o seu partido, que tiveram em Bukhárin o seu melhor teórico e estrategista não tiveram condições de construir um bloco histórico e uma hegemonia operária socialista.

Bukhárin era visto como próximo a corrente “mecanicista” da filosofia, mas isso não trazia implicações na discussão que opunha essa corrente aos “dialéticos”, pelo menos até que o declínio político de Bukhárin e a publicação dos *Cadernos filosóficos* de Lenin criasse as condições para a vitória oficial dos “dialéticos”, entre 1928 e 1929. A vitória durou pouco, pois logo apareceu a acusação de idealismo contra Deborin, o nome mais destacado da corrente “dialética”.

No fim de junho de 1931, Londres foi palco do “Congresso Internacional de História da Ciência e Tecnologia”, no qual Bukhárin teve ocasião de expor o seu ensaio sobre *Teoria e Prática do ponto de vista do materialismo dialético*, que pode ser lido a seguir. A principal diferença a ser notada nesse trabalho em relação aos escritos anteriores, em particular o *Tratado* é o abandono da teoria do equilíbrio (que era um sustentáculo da NEP). Nessa ocasião, Bukhárin já se encontrava afastado da direção do Partido e do Estado, envolvido apenas nas questões relativas à ciência e a cultura.

O debate foi cessado quando, sempre em 1931, Stalin, que tinha alcançado o controle do Partido e da orientação a ser oferecida em economia política e ideologia, encerrou a discussão com a assertiva de que aquele debate estaria ultrapassado e que agora se tratava de discutir a filosofia da época imperialista e da revolução: o leninismo. A teoria do equilíbrio estava condenada e a do salto dialético consagrada, mas apenas para justificar o ataque do Estado contra o campesinato. Essa decisão implicava que a filosofia do materialismo dialético seria uma dimensão autônoma dentro do marxismo-leninismo. Essa posição veio a ser a ideologia do Estado soviético e do próprio movimento comunista, uma regressão dentro da cultura marxista russa, mas com grande poder de difusão pelo mundo.

A crítica mais articulada à obra de Bukhárin foi aquela elaborada por Gramsci nos seus *Cadernos do cárcere*. Identifica na concepção de “marxismo” de Bukhárin uma metafísica materialista e mecanicista, que não tinha relação alguma com a concepção da filosofia da práxis, entendida como a visão de mundo originada em Marx.

Mesmo assim, é inegável o valor histórico do ensaio de Bukhárin a ser lido em seguida, pela importância e pela durabilidade dessa concepção teórica e filosófica dentro da vertente político cultural

identificada como marxismo. Certo que na corrente do marxismo vulgar, aquele que se constituiu em senso comum da militância comunista do século XX, aquela que se aproximou de constituir em “religião dos oprimidos”, mas que teve também intelectuais sofisticados que seguiram essa linha.